

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
ἄνακτορος Ἰφιδάμαντος
ΜΗΝΙΝ Αἰΐδε θεά Πηληϊάδεω

JOYCE TYLDESLEY, *Tales from Ancient Egypt*, Bolton: Rutherford Press, 2004, 192 pp., ISBN 0-9547622-0-7

A obra começa por um texto introdutório (pp. IX-XV), onde a intenção da Autora fica bem expressa: «The primary intention of this book is simply to entertain the reader by allowing a brief insight into another, long-lost world». E mais à frente avisa: «I have chosen to retell the stories rather than provide a straight translation of the surviving texts». E isto porque, embora as traduções exactas sejam fundamentais para que possamos compreender a literatura egípcia, os leitores não especializados sentem alguma dificuldade na leitura de tais versões, onde «the intricate scholarly arguments over the exact meaning of individual words interrupt the narrative flow and force translators to ornament their text with copious footnotes», que por vezes conferem ao texto «a false air of accuracy».

Por outro lado, «the conscientious translator must seek accuracy above all, but words and plot are not the only, or even the most important, aspect of storytelling. The feel of a story is equally dependent upon its style, and it is the style of a piece, and our instinctive recognition of and response to that style, that allows us to hear the author's true voice».

Tendo em conta estes dados, a Autora, apresentada como «honorary research fellow» na Universidade de Liverpool, faculta neste volume a sua versão de vários textos originais do antigo Egipto, incluindo quatro «tales of gods», sete «tales of men», quatro «true stories» e um hino, o grande hino a Aton oriundo de Amarna-Akhetaton. O esquema básico consiste na apresentação do texto seguido de um comentário.

O primeiro capítulo oferece «Four tales of gods», começando com «A criação do mundo» (pp. 3-4), onde se evoca a cosmogonia de Heliópolis, com o deus Atum sozinho na colina primordial a masturbar-se para do seu sémen nascerem Chu e Tefnut, e destes Geb e Nut, não se referindo aqui o resto da Enéade. O comentário que se segue (pp. 5-8) acrescenta que existiram outros centros sacerdotais que forjaram outras concepções de criação, como Mênfis (Ptah, cria-

dor pela força do verbo divino) e Elefantina (Khnum, em trabalho de olaria), e aborda questões ligadas à luta permanente entre ordem (*maet*) e caos (*isefet*). Segue-se «A destruição da humanidade» (pp. 9-11) que o apropriado comentário logo esclarece, rematando com a subida de Ré ao céu (pp. 12-15). Depois «O mito de Ísis e Osiris» (pp. 16-20) reata o texto antes apresentado sobre «A criação do mundo», e, agora sim, a Enéade fica completa, seguindo-se o comentário concernente (pp. 21-25), o qual antecede «A disputa de Hórus e Set» (pp. 26-34), o mais longo texto deste conjunto de mitos, com o respectivo comentário (pp. 35-38).

Em seguida apresentam-se «Seven tales of men», com «Cinco contos mágicos», que são os contos do conhecido *Papiro Westcar* (pp. 41-54), narrados por personagens da corte ao rei Khufu, os quais incluem uma breve referência ao primeiro, em grande parte desaparecido, o segundo ocorre no tempo do rei Nebka e é narrado pelo príncipe Khafré («O marido enganado»), o terceiro passa-se no reinado de Seneferu, sendo narrado pelo príncipe Bauefré («O passeio náutico»), o quarto é contemporâneo de Khufu e é narrado pelo príncipe Djedefhor («Khufu e o mago Djedi»), enquanto o quinto prevê o futuro ao anunciar «O nascimento dos príncipes» (os três primeiros reis da V dinastia). O habitual comentário tece várias considerações sobre os contos do *Papiro Westcar* (pp. 54-59).

O texto seguinte é bem conhecido: trata-se de «O Náufrago» (pp. 60-64), ao qual se junta um pertinente comentário (pp. 65-68). Depois vem «O Camponês Eloquente», (pp. 69-74) com comentários alusivos (pp. 75-77), «A Estória de Sinuhe» (pp. 78-84) e os respectivos comentários (pp. 85-89), «O Príncipe Malfadado», também visto como «O Príncipe Predestinado» (pp. 90-95) e comentários (pp. 96-97), «Os Dois Irmãos» (pp. 98-107) e comentários (pp. 108-110) e, a fechar, «Verdade e Mentira» (pp. 111-114), com os comentários na p. 115.

Vem depois um novo bloco de «Four true stories» que integram «As Aventuras de Harkhuf» (pp. 119-122), seguido pelos alusivos comentários (pp. 123-126), «O cerco de Meguido» (pp. 127-133), com os comentários (pp. 134-138), «A batalha de Kadech» (pp. 139-150), onde se apresentam a versão curta (boletim) e a versão desenvolvida (poema), com os comentários (pp. 151-155), e por fim «A Viagem de Uenamun» (pp. 156-165), com os comentários (pp. 166-168).

Merece um capítulo à parte o «Grande Hino a Aton» (pp. 171-175), seguido pelos comentários (pp. 176-178), motivando uma comparação entre o texto egípcio, redigido num tempo de «intense theological confusion», e o salmo 104 da Bíblia.

A obra completa-se com a Bibliografia (179-182), organizada de acordo com a divisão da matéria exposta, e um índice remissivo de pessoas e lugares (pp. 183-192).

Para elaborar a sua versão dos textos egípcios que compulsou, Joyce Tyldesley teve em conta a heterogeneidade dos leitores, a maior parte dos quais não é especializada no tema tratado, e por isso optou por uma tradução mais «descontraída» em vez de uma tradução mais «à letra», atendendo a que, como registou logo na introdução, «a precise translation can bring a false sense of completeness, petrifying a tale that once enjoyed a more fluid telling».

Luís Manuel de Araújo

THIERRY-LOUIS BERGEROT (dir.), *Akhénaton et l'époque amarnienne*, Bibliothèque d'Égypte & Orient, Paris: Éditions Khéops et Centre d'Égyptologie, 2005, 320 pp., ISBN 2-9504368-6-2

Este volume de temática amarniana, sempre sedutora e estusiasmante, começa com um «Avant-propos» de Thierry-Louis Bergerot, que dirigiu a obra em apreço ((pp. 5-7), seguido pelo «Préface» do amarnólogo Bernard Mathieu (pp. 9-12), que também é autor de um dos dezasseis artigos aqui reunidos.

O primeiro é sobre «La postérité d'Amenhotep III» (pp. 13-33), e deve-se a Marc Gabolde, «maître de conférences» na Universidade Paul Valéry (Montpellier III), fazendo desfilar as conhecidas figuras dos filhos reais e das filhas, e asseverando que Tutankhaton-Tutankhamon era filho de Nefertiti e Akhenaton (contrariando a tese da maternidade da dama Kia). O autor aceita também uma tese recente que faz do obscuro Semenkhkaré o príncipe hitita Zannanza.

Segue-se Robert Vergnieux, do CNRS e do Institut Ausonius de Bordéus, trazendo-nos «Quelques points clefs sur la période proto-amarnienne» (pp. 35-50), estabelecendo o percurso ideológico que levou o rei da veneração de Ré-Horakhti até Aton, com uma nova liturgia realizada a «céu aberto».

Jean-Luc Chappaz, conservador do Musée d'Art et d'Histoire de Genève, conhecido chauabólogo, recorda a presença efémera de «Amenhotep IV à Karnak» (pp. 51-64), com as construções feitas em pleno domínio amoniano de Karnak, onde ele erigiu um «palácio do *benben*» para Ré-Horakhti.